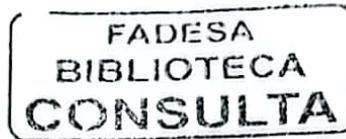


MFU 13107



FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



LETICIA MATIAS DE SOUSA



A EFICÁCIA DO KARATÊ EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE
ESPECTRO AUTISTA (TEA)

PARAUPEBAS - PA
2021

796
5719e
2021
Ex. 1
Consulta

LETICIA MATIAS DE SOUSA



A EFICÁCIA DO KARATÊ EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE
ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado a Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Bacharelado em Educação Física, para obtenção de título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora (a): Prof. ^a Juliana Maria de Oliveira

PARAUPEBAS – PA
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

APROVADA: _____ de _____ de 2021.

Prof. Kenedy Martins Miné

Prof. Uallace Carlos Leal Santos

Prof. Juliana Maria Silva de Oliveira

Orientadora (a): Prof.^a Juliana Maria

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas, as quais colaboraram comigo, durante minha caminhada em minha vida estudantil: Primeiramente a Deus, depois aos meus pais, e a professora Juliana Maria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, pelas bênçãos diárias, por me acolher em seus braços nos momentos de fragilidade e alegrias.

Agradeço aos meus pais que são minha base e que fizeram todo o possível para que meu sonho se tornasse realidade, que nunca me desamparam e que sempre davam apoio no que precisasse, seja financeiro, psicologicamente e fisicamente.

As pessoas ao qual foram meu maior incentivo para que concluísse minha graduação.

Agradeço aos meus amigos, que apoiaram meu sonho, principalmente aos que me deram carona quando não tinha transporte para ir as aulas, aos que me passavam conteúdo, caso faltasse.

Agradeço a faculdade FADESA, pela excelência em ensino, e ao corpo docente.

Agradeço pelo amadurecimento que adquirir, nesses 04 (Quatro) anos na universidade, confesso que ao entrar no primeiro dia, meus pensamentos e ideais eram completamente diferentes do atual, inclusive de curso. Cair na faculdade sem paraquedas em um curso que não tinha nenhuma certeza se gostaria, mas graças a DEUS com o passar do tempo cresci profissionalmente e intelectualmente, e percebi que realmente tinha escolhido o curso certo.

“Conhecer-se é dominar-se, dominar-se é triunfar.” (Jigoro Kano)

RESUMO

O presente estudo tem como principal objetivo analisar os efeitos da aplicabilidade do Karatê em crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA). Utilizou-se uma abordagem qualitativa, com metodologia de referencial bibliográfico, baseado na investigação, coleta e levantamento de dados em materiais teóricos científicos sobre o tema. As fontes pesquisadas e selecionadas foram os sites acadêmicos, artigos técnicos, periódicos e livros da área de Educação Física que discorressem acerca do assunto proposto. Dentre as artes marciais, recomendou-se o karatê para este público, que possui um modo diferente de entender, interpretar e viver este mundo. Em oposição ao senso comum a modalidade não é um esporte violento, ele desperta autoconfiança e autocontrole, princípios muito interessantes para crianças que sofrem de déficit de atenção ou que são muito agitadas no cotidiano. Com o estudo abordado verificou-se que o do Educador Físico é um mediador do processo de ensino-aprendizagem da modalidade do Karatê as crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA). Através da execução dos exercícios e por meio dos estímulos promovidos pelo profissional e replicadas em casa, as mesmas puderam se desenvolver nos aspectos motores e cognitivos, tão essenciais para as atividades do dia a dia. Além disso, o Karatê proporcionou a integração social das crianças, ademais esta arte marcial estimula a atenção e o foco através dos comandos direcionados pelo professor. Todo o planejamento deve respeitar a individualidade e necessidade de cada um buscando uma evolução gradativa de cada sequência, e movimento. Destarte, entendemos que é necessário, por parte do Educador Físico, buscar conhecimento específicos e, principalmente, práticos para além da graduação, pois somente com a vivência dentro da faculdade não é o suficiente para ministrar um treino ou aula para uma criança com transtorno de espectro autista com êxito ou qualquer outro tipo de necessidade específica.

Palavras-chave: DEFICIÊNCIA. INCLUSÃO SOCIAL. KARATÊ. TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA.

ABSTRATC

The main objective of this study is to analyze the effects of the applicability of Karate in children with Autistic Spectrum Disorder (ASD). A qualitative approach was used, with bibliographic reference methodology, based on research, collection and data collection in theoretical scientific materials on the subject. The researched and selected sources were academic websites, technical articles, periodicals and books in the field of Physical Education that spoke about the proposed subject. Among the martial arts, karate was recommended for this audience, which has a different way of understanding, interpreting and living this world. In opposition to common sense, the modality is not a violent sport, it awakens self-confidence and self-control, very interesting principles for children who suffer from attention deficit or who are very agitated in their daily lives. With the study approached, it was verified that the Physical Educator is a mediator of the teaching-learning process of the Karate modality for children with Autistic Spectrum Disorder (ASD). Through the execution of the exercises and through the stimuli promoted by the professional and replicated at home, they were able to develop in the motor and cognitive aspects, so essential for daily activities. In addition, Karate provided the children's social integration, in addition this martial art stimulates attention and focus through commands directed by the teacher. All planning must respect the individuality and need of each, seeking a gradual evolution of each sequence and movement. Thus, we understand that it is necessary, on the part of the Physical Educator, to seek specific and, mainly, practical knowledge beyond graduation, as only the experience in college is not enough to teach a training or class for a child with a disorder, successful autism spectrum or any other type of specific need.

Key words: DISABILITY. SOCIAL INCLUSION. KARATE. AUTISM SPECTRUM DISORDER.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. METODOLOGIA.....	11
3. HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO DO TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	12
4. OS BENEFÍCIOS DO KARATÊ PARA AS CRIANÇAS AUTISTAS: DO HISTÓRICO A APLICAÇÃO.....	15
5. O PAPEL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO APRENDIZAGEM	19
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

A diferenciação em intensidade e amplitude de alguns sintomas, é conceituado de espectro, na área médica pela psiquiatria moderna. O termo é utilizado para explicar as variações do Transtorno Espectro Autista (TEA), grupo este bem diversificado de patologias do desenvolvimento, as quais trazem malefícios em diversas dimensões como social, sócio afetiva, de interação, nas linguagens, nos padrões de comportamentos, interesses exclusivos a atividades semelhantes (CUNHA, 2015).

De acordo com Sulkes (2018) o transtorno espectro autista se caracteriza por apresentar, o indivíduo, distúrbios do neurodesenvolvimento, descrito por uma deficiência no desenvolvimento intelectual, ou seja é irregular (retardo mental), padrões estereotipados e repetitivos de comportamento, déficit de interação e comunicação social.

Os sintomas do TEA aparecem ainda na primeira infância. Na maioria dos casos, a origem da causa do transtorno nas crianças é desconhecido, entretanto há relatos de casos com evidências genéticas ou uma causa médica (SULKES, 2018).

Orrú (2016), relata que a constatação e o diagnóstico do transtorno espectro autista se baseiam na história e contextualização acerca do desenvolvimento e observação dos sintomas na crianças. O recomendado é que o tratamento inicie no período dos primeiros anos de vida, em particular, os cinco primeiros, sendo acompanhado de vários profissionais que se utilizem de abordagens fundamentadas no comportamento que ampliem a sua interação e comunicação.

O karatê é uma forma de autodefesa, provavelmente, tão antiga quanto a raça humana. É também considerado uma arte marcial, em sua prática, aumenta a responsabilidade, disciplina, e valoriza a busca do aprimoramento do caráter. Um dos maiores benefícios desta prática para as crianças autistas é transpor as barreiras da interação social, pois as atividades são praticadas em grupo, possibilitando sua inclusão. Além disso o karatê proporciona a evolução das habilidades físicas, cognitivas e mentais, especialmente na infância, quando o corpo

está cada vez mais passando por mudanças (PIEKARZ, BÔA, BORCHARDT, 2017).

Logo, a prática do karatê é uma excelente ferramenta, no que se refere a prática de um exercício físico, ao público de crianças com TEA. Uma vez que o mesmo oferece, aborda e estimula as habilidades que carecem de desenvolvimento ou apresentam retardo nas crianças.

Segundo Nakayama (2011) a prática regular do karatê desenvolve as capacidades físicas como a força muscular, velocidade, coordenação motora, condicionamento físico como também valores espirituais e terapêuticos.

Este trabalho de conclusão organizado em revisão bibliográfica existente ao redor do tema "A eficácia do karatê para crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA)", e dividido em: 1) Histórico e Conceituação do TEA; 2) Os benefícios da modalidade para crianças portadoras do TEA, do histórico a aplicação; e 3) O papel do Profissional de Educação Física na atuação do ensino aprendizagem.

A problemática deu-se especificamente por compreender que em nossa formação temos apenas uma disciplina que trata sobre o tema abordado. Desta forma, analisamos como as crianças com TEA podem alcançar efeitos significativos, em relação aos aspectos motores e cognitivos praticando o karatê.

Logo, o objetivo da pesquisa está em analisar os efeitos da aplicabilidade do Karatê em crianças com TEA. Para tanto, temos objetivos específicos: expor os benefícios que a prática da modalidade pode ofertar, tanto nos aspectos físicos, motores e cognitivos. E que, ao contrário do senso comum o Karatê não é uma modalidade de prática violenta, mas de ferramenta de cunho social.

2. METODOLOGIA

O presente estudo tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com metodologia de referencial bibliográfico, baseado na investigação, coleta e levantamento de dados em materiais teóricos científicos sobre o tema.

A pesquisa bibliográfica investiga uma gama de fenômenos muito mais ampla que aquela que poderia pesquisar diretamente, sendo a mesma desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2008).

Segundo Severino (2007) a pesquisa de revisão bibliográfica utiliza-se de dados e teorias já trabalhadas por outros pesquisadores devidamente registradas, sendo assim os textos tornam-se a fonte dos temas a serem pesquisados, fazendo com que o pesquisador trabalhe a partir das contribuições dos autores analisados.

As fontes pesquisadas e selecionados foram os sites acadêmicos, artigos técnicos, periódicos e livros da área de Educação Física que discorressem acerca do assunto proposto. Dentre aos vários autores pesquisados, podemos citar, Silva (2004) como base de maior fonte de informações, tendo em vista que o mesmo foi um dos grandes pesquisadores de Gichin Funakoshi, ao qual deu origem aos princípios básicos do Karatê.

3. HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).

A palavra autismo se origina da palavra grega autós que significa por si mesmo. A classificação oficial do autismo é realizada, no Brasil, levando-se em conta os critérios da CID (Classificação Internacional de Doença), em conjunto com os do DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), seguido do laudo médico (SILVA, PERANZONI, 2012).

Segundo Orrú (2016) os estudos sobre o autismo tem percorrido um longo caminho durante os últimos anos na busca pelo seu conhecimento, porém ainda é um tema que desperta grande atenção, interesse e também é permeado de controvérsias, uma vez que em muitos casos a sua origem e o diagnóstico são desconhecidos e indetermináveis (transitório).

O TEA é denominado e assim classificado como um Transtorno do Neurodesenvolvimento, assim descrito pela quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) publicado pela Associação Americana de Psiquiatria- APA (APA, 2014).

Segundo APA (2014), o Transtorno do Espectro do Autismo abrange os transtornos que no passado eram chamados de autismo infantil, autismo infantil precoce, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, e transtorno de Asperger.

Marfinati e Abrão (2014) explicam que há muito a se saber sobre o que antecede ao conceito atual do autismo, e isso se relaciona diretamente com a história da psiquiatria infantil. O termo autismo surgiu inicialmente com o psiquiatra Eugen Bleuler e se relacionava com a forma sintomática da esquizofrenia, porém, somente foi abordado como uma patologia específica após o fim da Segunda Guerra Mundial.

A terminologia do autismo teve seu surgimento na literatura psiquiátrica em 1906 com Plouller, um psiquiatra que realizava estudos acerca dos pensamentos de

pacientes que apresentavam demência, sendo assim, utilizou e incorporou o termo autista a eles (MARFINATI; ABRÃO, 2014 *apud* GAUDERER, 1993).

Para Marfinati; Abrão (2014) *apud* Gauderer (1993) o psiquiatra infantil, Kanner, em 1943, identificou comportamentos e características de crianças que não eram capazes de se relacionarem com o outro, sendo este aspecto o mais evidente, assim, realizou importantes estudos relacionados ao distúrbio e que são considerados importantes até os dias atuais.

Com o passar dos anos, surgiram outras denominações em relação ao autismo, entre elas, Bender, no ano de 1947, usou o termo esquizofrenia infantil, se referindo ao surgimento precoce da esquizofrenia, e considerou o autismo uma forma precoce em relação ao seu aparecimento (...) este comportamento de simbiose é retratado como a tendência que a criança tem em se apegar fortemente à mãe, porém, este não seria o caso do que se pode observar no comportamento da criança com autismo, que diferentemente disto, não só pode apresentar momentos de ligação com a mãe, mas apresenta características indiferentes ao relacionar-se com ela, por exemplo, com um comportamento distante (...) Rank em 1949 seguia uma linha mais psicanalítica e denominou crianças com autismo com desenvolvimento atípico do ego. Também foi utilizada a terminologia de Pseudo-Retardo ou Pseudo-deficiente por Bender em 1956, com o intuito de diferenciar crianças autistas de crianças com deficiência intelectual, sendo ainda utilizado o termo retardo mental nesta época. O motivo de diferenciar era pelo fato de que estas crianças apresentavam dificuldades em realizar tarefas de acordo com sua idade e apresentavam déficits na linguagem, portanto, havia a necessidade de se identificar cada criança da melhor forma possível (MARFINATI; ABRÃO, 2014 *apud* GAUDERER, 1993, p. 34).

Atualmente, o DSM-V, publicado pela American Psychiatric Association (APA) que traz como nomenclatura TEA, apresenta como critérios diagnósticos as seguintes características: “[...] prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades [...]”, sendo aspectos presentes desde a fase inicial de desenvolvimento, prejudicando também a funcionalidade na realização de tarefas do cotidiano e participação em diferentes contextos (APA, 2014).

O DSM-V traz que o uso da palavra espectro deve ao fato das diversificações na manifestação do transtorno, e ao qual dependem da gravidade, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica daquele determinado indivíduo. Além disso, podemos citar que as classificações, que estão relacionadas aos níveis de gravidade, encontram-se em três níveis, que se diferenciam de acordo com o que a criança necessita, e o contexto em que ela está inserida.

No DSM-V é possível identificar em seu prefácio a explanação de algumas questões, quanto a relação em sua nova estrutura, e inclui a modificação do termo autismo e a fusão de outros transtornos (APA, 2014). Portanto, é possível observar a junção de Transtorno Autista, de Asperger e Transtorno Global do Desenvolvimento que se unificam em TEA, tal diferenciação é explicada da seguinte maneira:

Os sintomas desses transtornos representam um *continuum* único de prejuízos com intensidades que vão de leve a grave nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritivos e repetitivos em vez de constituir transtornos distintos. Essa mudança foi implementada para melhorar a sensibilidade e a especificidade dos critérios para o diagnóstico de transtorno do espectro autista e para identificar alvos mais focados de tratamento para os prejuízos específicos observados. (APA, 2014, p. 42).

De acordo com Araújo e Lotufo Neto (2014) entende-se que tal mudança deve-se ao fato de que há uma mesma condição nos diferentes transtornos, porém há graduações nos dois grupos de sintomas, que são: prejuízos na comunicação e interação social, comportamentos restritos, interesses e atividades restritas e repetitivas. Os mesmos autores ressaltaram que embora a nova classificação seja criticada por alguns clínicos que questionam que há grandes diferenças entre os transtornos antes da unificação, a APA (2014) compreende que não existem vantagens relacionadas ao diagnóstico ou que influenciarão a terapêutica a ser realizada, além disso, traria dificuldades ao definir adequadamente o diagnóstico diante da subclassificação do transtorno.

4. OS BENEFÍCIOS DO KARATÊ PARA AS CRIANÇAS AUTISTAS: DO HISTÓRICO A APLICAÇÃO.

O karatê, representa segundo seus ideogramas (Kanji's) da palavra, duas versões, do "kun" (pronuncia chinesa) e "un" (pronuncia japonesa). No início o Karatê era chamado de karate-jutsu (pronuncia japonesa) ou tode-jutsu (pronuncia chinesa) com o significado de: técnica (jutsu) da Mão (te) Chinesa (Kara ou to) (SILVA, 2013).

Segundo o Choode Dojo (2012) desde quando o karatê surgiu e efetivamente foi introduzido no Japão na década de 1.920 sofreu algumas alterações devido à rivalidade histórica entre o país e a China.

De acordo com Frosi (2011, *apud* Leurd 2012, p. 11) Em Ryukyu (século XIV), era um território sob o domínio do Império Chinês. Uma das ilhas mais importantes era Okinawa, que era governada por leis de armas de fogo. Como Okinawa faz parte do "reino" de Ryukyu, os ilhéus não estavam satisfeitos com as inúmeras exigências impostas pelo poder monopolista. No "reino" de Ryukyu, eles têm uma independência considerável, o que é importante para o desenvolvimento de sua própria cultura em um período específico Significado decisivo. Obviamente, diferente de outros lugares no Japão, os nativos de Ryukyu são obrigados a pagar tributo. Se não o fizerem, serão humilhados, como danos materiais e até mesmo a perda de familiares.

Esses são alguns dos motivos que levaram os moradores locais a se exercitarem e se protegerem da opressão da aristocracia chinesa. No século XVII (1609), a nova lei que proíbe o uso de armas feitas pelo Samurai Samurai (Japão) do clã Shimadzu de Kyushu aproveitou o progresso "especial" (mãos) (FROSI 2011 *apud* LEDUR, 2012).

Vale ressaltar que o motivo da proibição de armas na ilha é o temor de que o império chinês permita que os locais resistam de qualquer forma. Se isso acontecer, fica mais fácil governar, e aí se chama a batalha de treinamento "Te" (atualmente

chamado de Karate) As tecnologias são mantidas em segredo porque também representam uma ameaça para os chineses.

A história do Karatê começa no momento em que Daruma se mudou da Índia para a China para abrir um mosteiro budista. A fim de aumentar a possibilidade de cuidados com a saúde e autodefesa, Bodhidharma desenvolveu técnicas de luta sem armas a partir da visualização budista e da observação dos métodos de exercício dos habitantes locais em Okinawa. Especial Alemanha ou Okinawa. O uso de armas de fogo começou no século XIX, seguido de uma mudança na forma do Karatê, praticando do ponto de vista do esporte e do apoio espiritual, e não entrou realmente na aula de educação física até 1905.

Segundo Lowe (1976), o pioneiro dessa nova forma de prática do Karatê foi Gichin Funakoshi, responsável pela popularização das artes marciais como forma de educação fora de Okinawa. A primeira manifestação aberta ao público foi realizada em Kyoto em 1916. Em 1921, Mestre Funakoshi fez um discurso direto ao futuro imperador Hirohito do Japão, com o objetivo de abrir as portas para a difusão do karatê no Japão e o que aconteceu numa direção positiva. Em 1923, Funakoshi Yoshin mudou-se para o Japão (Tóquio) e estabeleceu seu objetivo de copiar o conhecimento sobre as artes marciais no país, pois estava preocupado em cultivar pessoas boas e cidadãos úteis para a sociedade. Funakoshi também fundiu o nome ToDe / Okinawa-Te para Karate e mais tarde Karate-Do, que significa "Karate".

No Brasil, o Kasato Maru, ancorado no porto de Santos, chegou em 1908 e os imigrantes japoneses da época introduziram o karatê. Esse primeiro contato também ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, o segundo revigorando os grandes migrantes que optaram por permanecer em São Paulo. Durante esse processo, houve uma disseminação das artes marciais após sua existência, já que mestres de vários estilos de karatê vieram ao Brasil e seus alunos foram os principais responsáveis por espalhar esses estilos para outros estados. Hoje em dia, diferentes federações, sindicatos e academias foram formadas e existem em diferentes partes do país, sem discriminação por parte do público, desde crianças a adultos, incluindo pessoas com deficiência (mental ou física).

O local onde as artes marciais são praticadas para atingir o equilíbrio (mental, físico, espiritual) é denominado "dojo". Todos os dojos têm regras comuns e agem como um guia para os alunos no caminho do auto estudo. Essas regras são chamadas de "kum" e significam que cada praticante de karatê memoriza o lema do "dojo kum", que é o local do treinamento, e finaliza o treinamento. Diante dessa perspectiva de inclusão social e das propostas da Declaração de Salamanca, podemos destacar a importância do lema do karatê estar ao norte do respeito e da educação disciplinar. Dado que a inclusão é vista como um problema hoje, ela incentiva o compromisso com a melhoria dos métodos educacionais para o benefício dos alunos. Em suma, é uma alternativa real ao conceito educacional de qualidade, significado e aprendizagem inclusiva.

Segundo Silva (2004), a maturidade interior é necessária e, pensando nisso, Gichin Funakoshi visa fortalecer e avaliar a natureza de cada praticante por meio do estudo desses ensinamentos. Criou duas regras básicas. Dentro dessas regras, três menções especiais são necessárias para apresentar as relações diretas e indiretas com o tema tratado neste trabalho. Acima de tudo, fidelidade ao bom caminho da razão e do respeito. Portanto, devemos reconhecer a necessidade de construir a personalidade das crianças com SD-TEA com o objetivo de desenvolver sua capacidade de se apresentar a outros indivíduos sociais em resposta a estímulos externos.

Afinal, no processo de educação e aprendizagem, a retidão do homem deve basear-se na formação e no aperfeiçoamento da razão. Portanto, a partir daí é necessário se esforçar para obter o máximo de experiência deste material SD-TEA, desenvolvendo a capacidade de julgar, avaliar, compreender e estabelecer relações lógicas e colocá-las nas chamadas salas de aula. Normalmente. O principal objetivo do respeito é irrefutável, pois os preconceitos são revertidos, as diferenças são postas de lado e a etiqueta é o principal objetivo do autoaperfeiçoamento nas aulas e na experiência nas artes marciais. No entanto, é uma das ferramentas mais importantes para combater o preconceito contra as pessoas com deficiência.

Desenvolver uma educação de qualidade baseada em melhorias e eficiência além do que foi anunciado antes, mas preservando o modelo educacional tradicional

hoje ultrapassado, não é possível, ou seja, é necessário esclarecer as premissas. Perpetue o desprezo e o apoio a entidades excludentes. O artigo 208 da Constituição Federal prevê que a formação profissional das pessoas com deficiência deve ser ministrada pela rede regular de ensino.

O dojo kun se manifesta como uma capacidade de integração que irradia as aulas de karatê para além das paredes da instituição em que está inserido e, portanto, pode funcionar de forma mais ampla no contexto da formação da personalidade de alguém, alunos e notas sobre ética e moralidade.

Mantoan (2003) acreditava no desenvolvimento de alunos com deficiência e delineou várias estratégias para apoiar o trabalho dos professores e a aprendizagem dos alunos, entre elas: Estabelecer como eixo dessas organizações públicas que toda criança pode aprender. Certifique-se de que o tempo e as condições de estudo dependem das habilidades individuais. Um espaço aberto de colaboração, diálogo, solidariedade, criatividade e pensamento crítico levado por alunos e professores. Selecione um processo de avaliação que estimule, treine e fortaleça continuamente o professor responsável pela aprendizagem do aluno e continue a moldar todo o processo de ensino e aprendizagem. Portanto, é a inovação da prática educacional que leva a bons resultados de aprendizagem para todos os alunos.

5. O PAPEL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ATUAÇÃO DE ENSINO APRENDIZAGEM.

O papel dos profissionais de Educação Física no desenvolvimento das pessoas com TEA é cada vez mais enfatizado por meio de diversas formas de educação e, portanto, de socialização por meio de atividades que melhorem a identidade e a participação do aluno. Visa promover (BEZERRA, 2010). Segundo o autor, uma educação igualmente boa para alunos com diferentes graus de diagnóstico também exige diferentes métodos de ensino, que possam atender às necessidades específicas de cada aluno.

Portanto, as atividades recreativas podem ser vistas como uma importante estratégia utilizada nas práticas de educação física para pessoas com TEA. Gomes (2004) argumenta que as atividades de lazer surgiram como uma opção atrelada à ideia funcional de ocupação do tempo ou recuperação / aproveitamento da energia armazenada pelas crianças. Segundo Kuhlmann (2000), o entretenimento pode ser visto como uma forma integral de educação para o contato com o meio ambiente, as pessoas e as coisas. Assim, o tempo de lazer é pensado como capaz de possibilitar a socialização nas mais diversas situações (MARQUEZE; RA VAZZI, 2011).

Cabe evidenciar que, cada PEF busca sua técnica de ensino, ou até mesmo chega a criar uma, para que seus alunos venham a desenvolver, conforme o planejado. O fato de que um aluno possua o autismo, é mais um ponto, a ser discutido em sociedade, principalmente, quando esse indivíduo for praticar alguma modalidade esportiva. Podemos citar como exemplo, o fato do Karatê ser muito inclusivo, desde ao deficiente por membros inferiores e superiores, a uma pessoa com algum transtorno mental.

Outro fator bastante importante que devemos explanar, são os benefícios que a prática da modalidade trás para a criança. Físico, pela melhoria na respiração, força, equilíbrio, flexibilidade. Motor, melhorando a capacidade de movimento, tanto em membros maiores, como coordenação de gestos com as mãos. E por fim o

cognitivo, melhorando sua capacidade de aprendizado, tanto aos movimentos ensinados no dojo, como o passado no dia – a – dia. Não podemos deixar de citar também o desenvolvimento social, onde o mesmo aprende e acostuma a se relacionar com outras crianças.

Outro fator utilizado ao trabalhar com pessoas com TEA é brincar com um conceito diferente (GOMES, 2004; KUHLMANN, 2000). Neste estudo, o termo é defendido como fenômeno cultural construído no contexto social em que está inserido. Entende-se, portanto, que a brincadeira e o lazer estão inter-relacionados, mas a atividade de lazer pode ser percebida por meio do desenho e das propostas metodológicas, ao contrário do brincar, que se caracteriza pela maior espontaneidade (GOMES, 2004).

Portanto, como relata o autor, muitas pessoas são diagnosticadas erroneamente e aquelas que realmente precisam de tratamento não adoecem. Tais discussões ressaltam a importância de conduzir mais pesquisas teóricas e práticas para promover a socialização de crianças e adultos com diagnóstico de TEA. Dessa forma, independentemente do diagnóstico, é possível não só compreender as dificuldades e habilidades do público em geral, mas também criar uma melhor qualidade de vida e diminuir os estereótipos sobre esse transtorno.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da execução dos exercícios e por meio dos estímulos promovidos pelo PEF, e replicadas em casa, as crianças puderam se desenvolver nos aspectos motores, cognitivos, e social, tão essenciais para atividades que são realizadas no dia-a-dia.

Ao se perguntar se o objetivo da pesquisa foi obtido, devemos ter a devida convicção, que objetivos levam tempo a serem alcançados, e neste caso, foi. Ao perceber que a criança através de uma modalidade esportiva, consegue desenvolver a linguagem, os movimentos motores finos, como segurar um item entre os dedos, ou chutar sem que se desequilibre e caia ao chão. É ver que seu equilíbrio está bem desenvolvido, que sua força está mais ampla, e que seus movimentos mais precisos.

Porém acima dos benefícios acima, o principal buscado nessa pesquisa, foi o da interação social, ter a possibilidade de incluir uma pessoa a sociedade, para que seja vista como as outras, e não como uma pessoa diferente do "normal", ver o preconceito sendo quebrado e mais pessoas sendo vistas.

O karatê ao contrário do que a sociedade costuma entender, como uma modalidade bruta, de desrespeito, ela ao incluir pessoas com transtornos ou qualquer outra deficiência, comprova, que o senso comum está errado. E que é sim possível praticar. E cabe ressaltar que ao ser aplicada, principalmente se for aplicada por um PEF, terá seus métodos modificados e adaptados a cada indivíduo, já que devemos respeitar a individualidade de cada pessoa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, verificou-se que o do Educador Físico é um mediador do processo de ensino-aprendizagem da modalidade do Karatê as crianças com TEA. Logo é necessário, que o mesmo, busque conhecimentos específicos e, principalmente, práticos para além da graduação, pois somente com a vivência dentro da faculdade não é o suficiente para ministrar um treino ou aula para uma criança com transtorno de espectro autista com êxito ou qualquer ou tipo de necessidade específica.

Podemos concluir também que, o PEF deve sempre está em constante expansão de conhecimento, já que sua área de atuação é bem abrangente, assim como seus métodos de ensino para um determinado assunto ou modalidade esportiva. E que é grande o desafio profissional de quem lida com públicos especiais. É preciso entender emoções, reações, forma de falar, entender a necessidade do indivíduo e assim através de atividades específicas proporcionar bem-estar e uma mudança de vida, com qualidade física.

Além de dar novas formas de aprendizagem e de encarar a vida, sem ser visto com limitações e trazendo a inclusão como um fator de boa convivência, não existe uma maneira ou tratamento totalmente eficaz, mas as determinadas medidas e benefícios citados geram uma melhor adaptação e inclusão.

REFERÊNCIAS

APA. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V)**. 5 ed., rev. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BEZERRA, Alex Fabiano Santos. **Estratégias para o Ensino Inclusivo de Alunos com Deficiência nas Aulas de Educação Física**. 108 p. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2010.

CHOODE DOJO. **Karatê**. Disponível em: <http://www.karateokinawa.com.br/> . Acesso em: 06/03/2021.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

FRANCES, Allen. **Voltando ao normal: como o excesso de diagnósticos e a medicalização da vida estão acabando com a nossa sanidade e o que pode ser feito para retomarmos o controle**. Tradução de Heitor M. Conêa. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Christianne Luce. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GUNTHER, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?** Psicologia: Teoria e Pesquisa. maio. v. 22 n. 2, p. 201-210. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>. Acesso em 21/02/2021.

KLIN, A. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 28, n.1(supl), p. 3-11, 2004.

KUHLMANN Jr. Moysés. **Histórias da educação infantil brasileira**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED. v. 14. 2000.

LEBOYER, M. **Autismo infantil: fatos e modelos**, 6. ed. Campinas, Papirus, 2007.

MARQUEZE, Larissa; RA V AZZI, Lilian. **Inclusão de Autistas nas Aulas de Educação Física In: Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**, 7. , 2011. Lonch·ina. Anais ... Lonch·ina: 2011. p. 1945-1956.

MASSION, J. **Sport et autism. Science & Sports**, v. 21, p. 243-248, 2006.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 7. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE SÃO PAULO. **Cartilha: Direitos da Pessoa Autista**. Edepe. 2011.

NAKAYAMA, Masatoshi. **O melhor do karatê**. 6º ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Aprendizes com autismo: Aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

PIEKARZ, Aleide. BÔA, Ariadina Sales. BORCHARDT, Claudineia. **A importância da educação física adaptada para crianças com autismo no ensino regular**. Monografia (Curso de Licenciatura em Educação Física). Nova Venécia, p. 20, 2017. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/04/a-importancia-da-educacao-fisica-adaptada-para-criancas-com-autismo-no-ensino-regular.pdf> Acesso em: 05/03/2021.

RIOS, Clarice; ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. **Da visibilidade à epidemia: a construção gradativa do autismo na mídia impressa brasileira**. Interface (Botucatu), Botucatu. v. 19, n. 53. 2015.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. Ed-23. rev. E atual. Ed. Cortez , São Paulo. 2007.

SILVA, Elvis Magno da. **Karatê-Do: origens**. Lavras: UFLA, 2013.

SCHLIEMANN, André. **Esporte e Autismo: Estratégias de ensino para inclusão esportiva de crianças com transtornos do espectro autista (TEA)**. Disponível em: file:///C:/Users/Thalita%20Karla/Desktop/ARTIGO%20SIMONE%20IESP/AndréLisandroSchliemann_TCC.pdf . Acesso em 17/03/2020.

SCOTT, S.; KOZUB, F. M.; GOTO, K. **Tae Kwon Do for Children with Autism Spectrum Disorder**. Palaestra; winter 2005; v. 21 (1), p. 40, 2005.

SULKES, Brian Stephen. **Transtornos do espectro autista**. Manual MSD versão para profissionais da saúde. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/transtornos-do-espectro-autista> . Acesso em 21/04/2021.

SZABO, Cleusa Barbosa. **Autismo: um mundo estranho**. 2. ed. São Paulo: Edicon, 1999.

BEZERRA, Alex Fabiano Santos. **Estratégias para o Ensino Inclusivo de Alunos com Deficiência nas Aulas de Educação Física**. 108 p. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2010.

MARQUEZE, Larissa; RA V AZZI, Lilian. **Inclusão de Autistas nas Aulas de Educação Física** In: Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 7 ., 2011. Lonch·ina. Anais ... Lonch·ina: 2011. p. 1945-1956.

GOMES, Christianne Luce. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. KUHLMANN Jr. Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED. v. 14. 2000.